

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

CAPÍTULO 7

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Data de aceite: 01/02/2022

Jair Araújo de Lima

Graduado (UFRN), mestre (PUC-Minas),
Doutor em Ciências Sociais (PUC-Minas) e
pós-doutorando em Psicologia pela PUC-Minas

José Jorge de Miranda Neto

Psiquiatra, graduado em Medicina pela
UNIPAC/ MG

Juliane Ramalho dos Santos

Psiquiatra graduada em Medicina pela
UNIFESO/RJ

RESUMO: O artigo consiste em uma elaboração teórica de uma metodologia de análise de disputas sociais, fundamentada em contribuições metodológicas da etnometodologia de Garfinkel e da análise situacional de Van Velsen. A primeira parte é *teórica* e nela são feitos apontamentos sobre a construção da metodologia da análise de disputas denominada metodologia sofisticado-analítica (MSA), informando a sua relação fundamental com princípios metodológicos da etnometodologia e da análise situacional. Na segunda parte, é realizada a análise de fatos *empíricos* a fim de demonstrar como a metodologia construída é pertinente como ferramenta sociológica para análise de entrevistas sobre situações de disputas sociais e rivalidades relacionais, sejam elas profissionais, políticas ou amorosas, conforme os dados analisados. Os dados mencionados neste artigo foram coletados por meio de pesquisa empírica realizada durante

a escrita da tese de doutorado em sociologia de um dos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Psicossociologia das disputas, psicossociologia da conflitualidade, etnometodologia, análise situacional, metodologia sofisticado-analítica.

APONTAMENTOS INICIAIS

Este capítulo consiste na conceituação teórica de uma metodologia de análise de disputas e rivalidades sociais que está fundamentada em princípios metodológicos da etnometodologia de Garfinkel e nas contribuições da análise situacional de Van Velsen. Na primeira parte, *teórica*, são realizados apontamentos sobre a construção da metodologia da análise de disputas, informando a sua relação fundamental com princípios metodológicos da etnometodologia e da análise situacional. Na segunda parte, é realizada a análise de fatos empíricos a fim de demonstrar como a metodologia construída é pertinente como ferramenta psissociológica para análise de entrevistas sobre situações de disputas e rivalidades sociais, sejam elas profissionais, políticas ou amorosas, conforme os dados analisados no capítulo.

Os dados empíricos mencionados neste capítulo foram coletados conforme o desenho de uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas compreensivas. A indução analítica dos dados e sua codificação forneceram os fundamentos

para a construção da metodologia de pesquisa apresentada neste texto.

AS CONTRIBUIÇÕES DA ETNOMETODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES SOCIAIS

Em um tribunal – o ambiente em que nasceu a etnometodologia de Garfinkel e sobre o qual Garfinkel teve muito a falar – o júri e o juiz reconhecem a competência de uma testemunha para *testemunhar*, mas não é reconhecido que a (s) testemunha (s) tenha (m) competência para qualificar o que é uma “prova” no sistema judicial. De igual modo, o sistema judicial reconhece a competência de pessoas leigas (os jurados) para avaliar, com alguma dose de imparcialidade, a situação judicial *construída* pela disputa entre a acusação e a defesa para qualificar o réu como culpado ou inocente. No entanto, o juiz e os advogados (de acusação ou defesa) não supõem que os jurados tenham a competência técnica para julgar a causa e, em razão disso, cabe ao juiz e aos advogados (de defesa ou acusação) a tarefa de mobilizar as técnicas judiciais de forma a *instruir e persuadir* os jurados (a) de que estão sendo *técnicos* em sua atuação (de defesa ou acusação) e (b) de que estão – ao menos em tese, pois a *retórica e as tática de manipulação* são aceitas como legítimas nos processos judiciais – buscando e apresentando a verdade da situação em sua atuação.

Os estudiosos das práticas judiciais sabem que os jurados são *instruídos* pelo juiz e por funcionários do sistema de justiça para que sejam imparciais não se deixando conduzir por emoções e preconceitos e para que estejam atentos ao que pode ser considerado como uma “prova” no sistema judicial de “provas” de culpa e/ou de inocência. Todas essas observações podem ser lidas nas obras de Garfinkel, uma vez que a etnometodologia surgiu durante os estudos empíricos de Garfinkel sobre as práticas do sistema judicial norte-americano.

A etnometodologia tem uma relação complexa com o testemunho dos informantes de uma pesquisa. Logo cedo em suas pesquisas, Garfinkel percebeu que a pesquisa sociológica empírica – ao menos sob o seu ponto de vista – deveria ser realizada como *análise das práticas* e não como análise do discurso. Quanto ao aspecto do discurso, Garfinkel reconheceu que ele *deveria* ser analisado sim pelo sociólogo, mas sob a ótica das *estratégias* de argumentação e dos *métodos* de convencimento e não sob a suposição de um discurso transparente. Isto é, Garfinkel percebeu que sonegar ou manipular informações sobre as suas práticas reais era uma maneira de *manipulação metódica* via discurso. Os sujeitos possuem metodologias de manipulação discursiva para omitir fatos de suas práticas efetivas, para qualificar os seus oponentes de forma *negativa* e para apresentarem-se *sob uma luz favorável* para os pesquisadores. Em suma, entre as manipulações discursivas dos atores estavam: (a) a racionalização retrospectiva dos seus atos e (b) a sonegação de informações pela via do falar que faz uma coisa e fazer outra

coisa na prática. Essas percepções de Garfinkel deram-lhe os insights para a construção dos princípios da etnometodologia (Cf. Garfinkel, 1963, 2018 [1967], 2002 [S/D]); Garfinkel e Sacks, 1970).

Garfinkel foi um defensor ávido da *competência* dos atores para *interpretarem* os seus atos e para darem informações sobre os seus métodos práticos e inventivos de fazer as coisas acontecerem nos ambientes em que se situam. Todavia, passou a ser um pressuposto metodológico prático da etnometodologia o fato de que – em razão de suas competências comunicacionais, cognitivas e estratégicas – os atores *distorcem* dados sobre si mesmos para se apresentarem sob uma luz favorável e sobre os seus oponentes para os apresentarem sob uma luz desfavorável. Essa *tática* é resultado da competente consciência estratégica dos atores sociais sobre o uso do discurso como *ato de fala* e como *ato de significação*.

Para a etnometodologia os atores são sujeitos reflexivos e criativos e possuem:

(a) *Competência analítica/interpretativa*: são hábeis em interpretar os eventos interativos em que estão envolvidos;

(b) *Competência linguística/ilocucionária*: são hábeis em utilizar as palavras – mesmo desconhecendo, na maior parte dos casos, as regras gramaticais, a norma culta e as regras de sintaxe – a fim de fazerem as coisas acontecerem com e pelas palavras = *atos de fala*;

(c) *Competência metodológica*: são hábeis em decifrar enigmas, encontrar soluções para problemas práticos, em elaborar métodos para conquistar os seus interesses frente aos obstáculos da realidade;

(d) *Competência significativa/ficcional*: são hábeis em dar sentido aos seus afazeres, à sua existência, elaborando cosmovisões *ad hoc* com vistas a conferir sentido aos objetos, ao tecido social e à vida em seu todo = *atos de significação*.

Com base nessa percepção, Garfinkel esteve imensamente atento quanto ao coletar o ponto de vista de pessoas *em disputa*. Neste caso, o suposto elementar do etnometodólogo será o de que o sujeito inventivo irá *apresentar-se* sob uma luz favorável e apresentar o seu oponente *sob uma luz desfavorável*; o ator se utilizará de *um método retórico* para apresentar o seu ponto de vista como sendo o mais nobre e o ponto de vista do seu oponente como sendo o mais vil. Entra em cena o *jogo de espelhos* do herói e do vilão, habilmente trazido à cena pelo ator/estrategista.

Os atores são reflexivos e agem com base na estratégia *também* quando informam, testemunham ou opinam em entrevistas de uma pesquisa. Por isso, é dito que Garfinkel “não adota a perspectiva do ator.” (Rawls, 2018, p. 64; Cf. p. 36, 49, 51, 59, 63) quando realizou a construção teórica do seu método e quando realizava as suas análises. Ao considerar os atores *em uma situação de disputa*, para Garfinkel, “a perspectiva do ator seria especificada como interação [...]” (Rawls, 2018, p. 36). O que significa que Garfinkel considerava o testemunho do ator como sendo *estratégico* ao referir-se à sua atuação em

disputas. Assim, o que Garfinkel fez – diz-nos Anne Rawls, discípula de Garfinkel – “foi levar em conta a perspectiva do observador sobre o ponto de vista do ator.” (Rawls, 2018, p. 49).

A análise psicossocial é, invariavelmente, um ponto de vista sobre um ponto de vista, um *quadro analítico* sobre um *quadro testemunhal*, uma dupla hermenêutica. Pelo que, conforme a etnometodologia, na análise de *situações de disputa*, o analista não deve “cometer o erro básico de adotar a perspectiva do ator.” (Rawls, 2018, p. 51). Como disse outro discípulo de Garfinkel, em uma disputa os atores “não se colocam no mesmo ponto de observação desses objetos [em disputa] não têm as mesmas motivações ou os mesmos objetivos, as mesmas intenções, para observá-los.” (Coulon, 1995, p. 12). Nesses casos, “a qualidade do olhar, difere conforme o ponto de vista.” (Coulon, 1995, p. 13).

Se existe aquilo que Boudon (1985) – amparado nos escritos de Garfinkel – chamou de “efeitos de posição”, referindo aos *quadros sociais de percepção seletiva*, o pesquisador precisa coletar – em caso de disputas – os pontos de vista dos atores dos lados opostos, considerando “o fato de os atores não verem a mesma coisa.” (Coulon, 1995, p. 13) em razão dos interesses em jogo e dos *seus interesses no jogo*.

Não se deve duvidar de que os atores envolvidos em disputas possuem “capacidade de interpretação” (Coulon, 1995, p. 14), portanto, *deve-se* (a) “levar em conta a ponto de vista dos atores” (Coulon, 1995, p. 15), uma vez que (b) “a linguagem natural [nativa] é um recurso obrigatório de toda pesquisa sociológica” (Coulon, 1995, p. 33). Todavia, *deve-se* ativar o pressuposto elementar da etnometodologia: os atores possuem consciência estratégica, portanto, agem, interpretam e informam/comunicam com base nesta consciência. Essa é uma *regra* do método psicossociológico ligada à etnometodologia. Acrescentando-se que, em disputas, *deve-se*, por outra *regra* do método, (c) buscar o ponto de vista *contrário* dos atores em disputa para ver a realidade em sua complexidade e não somente segundo ótica de um lado da controvérsia. Para que o analista não perca “o corpus contingente, que define o conjunto de práticas que caracterizam uma situação localizada” (Coulon, 1995, p. 25). Assim, é fundamental (d) não perder a “indicialidade” (Coulon, 1995, p. 34) do testemunho em questão de disputas, e, neste contexto, a indicialidade está em: *quem contra quem disputando o que?*

O etnometodologista não deve (condição analítica) esquecer-se “do caráter irremediavelmente indicial do discurso e da ação” (Coulon, 1995, p. 34). Os princípios da análise etnometodológica apontam para a influência da “teoria dos jogos” sobre Garfinkel. As regras “(a)” e “(b) supra, *jamaiz* devem ser abandonadas, e são as regras *mais* utilizadas pela etnometodologia, pois, são elas que demarcam a ruptura da etnometodologia com a sociologia tradicional que não enxerga os atores como agentes competentes, reflexivos, criativos e livres para negociar a ordem em que estão situados. As regras “(c)” e “(d)” apontam para a não ingenuidade metodológica da pesquisa etnometodológica fundamentada em entrevistas.

AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE SITUACIONAL

No mesmo ano em que Garfinkel publicou o seu “*Studies in ethnomethodology*” (1967), Van Velsen publicava o seu capítulo “*The extended-case method and situational analysis*” (1967) no qual afirma que:

[...] pode-se encontrar, em qualquer sociedade, uma grande categoria de disputas onde a discussão gira principalmente em torno da questão sobre quais normas, entre um número de normas mutuamente conflitantes, devem ser aplicáveis aos “fatos” indiscutíveis do caso. A partir deste ponto de vista, torna-se mais importante obter diferentes avaliações e interpretações sobre disputas, ou outros eventos específicos, de várias pessoas, do que procurar a avaliação e interpretação correta destes eventos. O enfoque situacional vai muito além daquele que tenta saber o que pensam “os sábios homens velhos da vila”, da escola e o advogado. Para o sociólogo interessado em processos sociais, não existem pontos de vista “certos” ou “errados”; apenas existem pontos de vista diferentes representando diferentes grupos de interesse, status, personalidade e assim por diante. (Van Velsen, 1987 [1967], p. 359).

O excerto supra demonstra que Van Velsen e Garfinkel – coincidentemente – pensaram a mesma coisa quanto ao *testemunho* sobre questões em disputa. Para ambos, os pontos de vista dos atores *em disputa* devem ser considerados, não somente o ponto de vista de um só lado da questão e é o investigador que vai elaborar a sua análise sociológica desses dois pontos de vista em conflito. Aqui, do ponto de vista do analista, existe a necessidade analítica/epistêmica de que os dois pontos de vista sejam *corretamente analisados* – do contrário pesquisa alguma poderia ser avaliada tendo-se em vista a *validade* da compreensão/explicação proposta pelo analista –, embora para o analista não existam pontos de vista “certos” ou “errados” dos seus informantes e sim pontos de vista diferentes, representando diferentes interesses e posições sociais. Ou seja, o relativismo epistêmico é realizando quanto aos pontos de vistas dos atores em disputa, mas não quanto ao ponto de vista do próprio analista. Como observou Van Velsen:

A avaliação sociológica de ações e outros comportamentos faz parte do ofício do antropólogo [sociólogo] e a avaliação sociológica das mesmas ações etc., poderá ser bem diferente daquela avaliação social feita por informantes locais. Acima de tudo, não se pode esperar que informantes destreinados, sejam eles chefes Bemba ou burocratas assalariados em Londres, apresentem ao antropólogo [sociólogo] análises sociológicas sobre comportamento observado em suas respectivas comunidades. Agir desta maneira significaria assumir, como muitos leigos o fazem, que ser membro de uma comunidade equivale a entendê-la sociologicamente. (Van Velsen, 1987 [1967], p. 353).

Nestes termos, é preciso considerar que, em uma situação de disputa, o analista deve (condição) ser cuidadoso em “*indicar quem conta o quê*” (Van Velsen, 1987 [1967], p. 366) e considerar que o informante/testemunha não é um analista sociológico; portanto, não se deve deixar a testemunha definir como o sociólogo vai enxergar o seu oponente/rival ou a própria situação da disputa, ele pode mentir sobre o seu rival e sobre a situação.

Verdadeira é a análise cientificamente fundamentada destes discursos/informações testemunhais que o sociólogo coleta e não os discursos/testemunhos *per se*.

EXEMPLOS EMPÍRICOS DE TESTEMUNHOS PARCIAIS REALIZADOS POR ATORES SOCIAIS

Considerando tudo o que foi afirmado supra, início a (a) análise de pontos de vista apresentados por testemunhas em entrevistas realizadas para a pesquisa de doutorado que realizei e (b) a análise de um ponto de vista apresentando em um documentário de tv sobre a prática médica. Tais pontos de vista serão abordados segundo a perspectiva etnometodológica e da análise da situacional.

As entrevistas foram realizadas com diversos profissionais para a descoberta dos “truques do ofício” – um conceito etnometodológico elaborado para a tese de doutorado do autor deste capítulo – enquanto etnométodos mobilizados por diversas classes profissionais para realizar o seu trabalho da forma efetiva e eficiente. Neste mesmo intento, também para a tese, foi realizada a análise de um documentário de tv sobre a prática médica. Na ocasião da pesquisa foram detectados aquilo que Zaluar (1995) denominou “discurso endereçado” que apareceram em suas pesquisas via entrevistas em que “questões disputadas” estavam presentes. Essa noção de Zaluar (1995) se mostra em completa equivalência à noção etnometodológica de estratégia discursiva ou testemunhal.

A partir dos relatos desses profissionais – na pesquisa, “truques do ofício” – pude perceber que existia uma *rivalidade* entre enfermeiros, psicólogos e médicos na burocracia hospitalar. Em minhas entrevistas¹ a maior parte dos enfermeiros e psicólogos falaram que “os médicos “geralmente são soberbos” e, da parte dos médicos, vinha a perspectiva de que os enfermeiros e psicólogos “têm inveja” dos médicos. Pelo que percebi – sem que esse fosse o nosso interesse inicial na pesquisa – um *indício* de rivalidade entre os profissionais de diferentes *posições* no campo hospitalar. Neste caso, ficou evidente que caberia a mim, como analista social, *descobrir* a (s) verdade (s) por trás deste *discurso endereçado*; que deveria fazer uso das perspectivas etnometodológica e da análise situacional para oferecer o nosso ponto de vista analítico sobre os pontos de vista dos nossos entrevistados.

Percebi que enfermeiros e psicólogos pensavam o mesmo sobre os médicos e que os médicos, por sua vez, revelavam uma percepção similar sobre os enfermeiros e os psicólogos. Da parte dos enfermeiros e psicólogos os médicos eram “soberbos” e para os médicos os psicólogos e enfermeiros eram “invejosos”. Em razão disso, dias depois de analisar as primeiras entrevistas, solicitei a permissão de enviar uma pergunta que seria

1 A maior parte das entrevistas foram realizadas por *e-mail*, mas algumas foram realizadas por entrevistas orais. No total foram entrevistados – isso somente relacionado aos profissionais da saúde – 08 médicos, 08 enfermeiros e 08 psicólogos. O foco analítico das entrevistas era somente *qualitativo* e sob a perspectiva etnometodológica. Ao passo que a dimensão conflitiva das relações entre médicos, enfermeiros e psicólogos se tornaram um *indício indexial/contextual* da pesquisa, a perspectiva do “discurso endereçado” e da análise situacional foram somados à perspectiva etnometodológica.

respondida por e-mail: (a) “Existe alguma rivalidade entre médicos e enfermeiros?” (para enfermeiros); (b) “Existe alguma rivalidade entre enfermeiros e psicólogos e médicos?” (para médicos); (b) (c) “Existe alguma rivalidade entre médicos e psicólogos?” (para psicólogos).

Recebemos da parte dos médicos respostas que podem ser sintetizadas da seguinte forma: *os enfermeiros e os psicólogos queriam ser médicos e não conseguiram, por algum motivo. Por isso, sentem inveja dos médicos. Enfermeiros e psicólogos podem ser chefes/supervisores de médicos na burocracia de hospitais e em prefeituras e, mesmo assim, ganhar menos que os médicos; isso somado à inveja que eles já sentem dos médicos, faz com que eles se vinguem dos médicos enquanto supervisores dos médicos, sendo severos como chefes, incompreensivos com as queixas dos médicos e dificultando o seu trabalho. Foi afirmado, contudo, que há muitos enfermeiros e psicólogos que são excelentes profissionais e que não têm inveja alguma dos médicos.*

Da parte dos psicólogos, recebemos resposta que podem ser sintetizadas da seguinte forma: *os médicos são arrogantes e pensam que são Deus, pelo ato médico a classe médica se põe como estando acima dos demais profissionais da saúde, eles “se acham” e adoram ser chamados de “doutores” sem o ser efetivamente, isto é, não são “doutores” acadêmicos. Existem psicólogos que têm doutorado, mesmo assim não ganham (em hospitais) o mesmo que os médicos. Além disso, os médicos psiquiatras querem “medicalizar demais” os problemas psicológicos das pessoas, desvalorizando o trabalho dos psicólogos. Foi afirmado, contudo, que há muitos médicos que são excelentes profissionais, que são humildes e que tratam os pacientes em parceria com os psicólogos.*

Da parte de enfermeiros, foi dito, basicamente, o mesmo do que afirmaram os psicólogos. *O teor está em que os médicos “são soberbos”, desvalorizam o trabalho dos enfermeiros e que “não suportam ter enfermeiros como seus chefes”, embora não tenham tanto conhecimento quanto os enfermeiros sobre “gestão de saúde”, “gestão de órgãos de saúde” e “gestão do acolhimento”, que são áreas pertencentes à formação dos enfermeiros. Foi afirmado, contudo, que há muitos excelentes médicos e que, de modo geral, enfermeiros e médicos trabalham em uma inevitável “parceria”, nos ambientes de atendimento em saúde.*

Os pontos de vista acima revelam a importância metodológica da percepção do discurso sobre o rival, do *discurso endereçado* e da *discursividade estratégica* que são pressupostos da etnometodologia e da análise situacional. Dizem respeito ao *método* de analisar testemunhos que podem ser *trapaceiramente* parciais.

O *jogo dos espelhos* ou *espelhamento conflitivo* não deve ser desconsiderado em uma coleta de informações sobre conflitos. Levar em conta a rivalidade de quem relata para com o sujeito por ele mencionado é crucial para o pesquisador que está consciente de que a sociologia é um ponto de vista analítico sobre os pontos de vistas situados/contextuais dos atores sociais.

Segundo exemplo empírico. No documentário² do canal Discovery “*Pronto socorro: histórias de emergência*” (episódio 03 da 13ª temporada – 2019)³ há o caso de um paciente que tomou um tiro na virilha e que foi levado ao hospital pela esposa. Ambos dizem que foi um estranho quem atirou no homem baleado, mas estão *mentindo*. No final do episódio descobre-se que foi a esposa que atirou na perna do marido, ao vê-lo com *outro* homem na cama. Esta é a situação e nada justifica um tiro no parceiro conjugal por quaisquer motivos, mesmo que por uma *traição*.

Deixando lado a complexa relação entre os gêneros – o que não é de interesse deste capítulo, exceto no sentido do *conflito* e *jogo* que ela demarca –, vários autores são unânimes em reconhecer que existe um “*contrato relacional*” de fidelidade nas relações amorosas (Cf. Freire Costa, 1998; Kaufmann, 2002, 2003; Luhmann, 2003, Simmel, 2001 [1909]), a despeito do tipo de formato dessas relações, seja entre pessoas *hetero* ou entre pessoas *homo*. Em um casamento o *contrato conjugal de fidelidade* (Freire Costa, 1998; Kaufmann, 2002, 2003) existe, para além do *contrato legal* realizado nos cartórios.

Assim, a *sociologia do casamento* ou *sociologia da conjugalidade* (Kaufmann, 2002, 2003) enxerga um *contrato relacional de fidelidade* e um *contrato conjugal de fidelidade* dentro das relações amorosas e conjugais, respectivamente. Para as partes envolvidas, a mentira de um para o outro é uma “*traição*” da confiança e do contrato de fidelidade. Levando esse contrato em consideração, aponto o caso da esposa que atirou no marido por encontrá-lo na cama *com outro*.

No documentário de emergências médicas do canal Discovery, todos os casos são reais, estando baseados nos relatos dos médicos e alguns deles encenam o caso novamente para gravação do documentário. Os médicos envolvidos são filmados relatando o que perceberam no caso por eles relatados. Neste episódio da esposa que atirou no esposo, a médica Regina Baylei, comenta sobre como as pessoas costumam mentir para os médicos nos atendimentos e relata este caso do casal que mentiu sobre a autoria do tiro do qual o marido levado pela esposa foi alvo. Após resolvida a situação de mentira e dos cuidados tomados para com o paciente, a doutora Regina Baylei afirma que a esposa fora *violenta* com o marido, que ela *mentiu* para os profissionais que a atenderam e que, nas palavras da médica Regina Baylei, “No final, vi que aquele era um *caso de amor*” (Grifo nosso).

Particularmente, eu não acreditei nessa avaliação sintética do caso. Afora a questão do tiro (que é um crime e aponta para um caso de violência conjugal) que a esposa deu no esposo, pensei que se fosse uma esposa que tivesse encontrado o marido com *outra* mulher, será que a médica diria que “foi um caso de amor”?

2 A etnometodologia é metodologia que formula que o pesquisador etnometodólogo pode e deve fazer uso de todo e qualquer material (entrevistas, fotos, arquivos, cartas, áudios e vídeos) como “documentos” de interação que revelam fatos da vida social. Assim, a análise de um filme, seriado ou de um “documentário” de tv é previsto e recomendado pelo etnometodologia. Portanto, está justificado dentro, da metodologia utilizada neste artigo, o uso “documento” episódio de tv analisado neste trecho como sendo um “documento”.

3 Disponível, In: <https://www.youtube.com/watch?v=ldvru2c6sps>, acesso 28/05/2021 às 15h04.

Após assistir diversos episódios de casos médicos neste documentário, percebi que, no final de cada situação de atendimento médico, os médicos terminam com uma “lição moral edificante” para o seu caso, uma “moral de história” de acordo com a proposta do documentário. Deste modo, a médica Regina Baylei foi *pressionada* – por si mesma, pelo diretor, por quem quer que seja – a demonstrar positivamente que *não era homofóbica* ou que via com bons olhos as relações homoafetivas. A intenção é nobre e positiva, mas, isso mostra como a leitura que o informante faz de um caso pode ser *parcial*, de algum modo.

Regina Baylei firmou-se na visão de que o *affair* entre dois homens era um “caso de amor”, *em detrimento* da visão da esposa que, claro, cometeu crime ao atirar no marido. Esse aspecto negativo do crime da esposa também pesou sobre a análise parcial de Baylei sobre a situação. A esposa foi percebida como sendo uma “*desequilibrada*” – isso fica patente no documentário – e, então, o marido foi inocentado de sua e *quebra de contrato de fidelidade* conjugal.

A própria existência *psicossociológica* deste contrato – que é algo conhecido pelos atores sociais e que, por isso, é suposto empírico da sociologia das relações amorosas e da conjugalidade (Kaufmann, 2002, 2003) – foi ignorada deliberadamente pela doutora Regina Baylei. No jogo dos pontos de vista, temos que:

- (a) Para a esposa aquele era um “caso de traição”, tanto que isso a ofendeu ao ponto de ela, em um *estado mental de desequilíbrio emocional*, dar um tiro nas pernas do marido, acertando a sua coxa superior direita;
- (b) Para o marido, aquilo era, de fato, um “caso de traição”; tanto que ele protegeu a esposa, não revelando que ela havia atirado nele e recusando-se a prestar queixa diante dos policiais chamados pelo hospital;
- (c) Mas, o marido também poderia alegar que era um “caso de amor”, do ponto de vista dele e do seu amante. Mas, isso seria uma *desculpa*⁴, uma vez que faz parte do *contrato amoroso* ou *conjugal* não trair o parceiro, sendo mais *justo* – nos termos do contrato conjugal – terminar a relação antes de *magoar* o parceiro com uma *traição*;
- (d) Para a médica Regina Baylei aquele foi um “caso de amor”, pois ela queria mostrar-se positivamente, como sendo progressista e aprovando a relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo, deslocando, de forma *parcial*, o foco de atenção para uma efetiva “traição” conjugal;

Tudo isso é um *perspectivismo realista* realizado pelo analista social dos pontos de vista dos atores que examina. Do ponto de vista analítico, foi preciso que eu lançasse dúvidas sobre se a médica Regina Baylei, enquanto mulher, veria a relação extraconjugal entre o seu próprio marido e outro homem/outra mulher como “um caso de amor”. Ou, ainda, caso se tratasse de uma esposa que encontrou a esposa com outra mulher. Ao assistir outros episódios do documentário médico, pude perceber que quando acontece de um homem que trai a sua esposa com uma amante e que, por algum motivo de saúde vai ao hospital com a amante – vindo a esposa a encontrar o marido e sua amante na

4 Cf. Werneck, 2012.

emergência do hospital –, os médicos (sejam homem ou mulher) fazem uma avaliação *negativa* do “traidor”; quando se trata de um homem que tem uma esposa e vai ao hospital com uma outra mulher que é a sua amante. Então, se o caso envolvesse duas mulheres casadas e outra mulher amante, será que a médica Regina Baylei falaria do um “caso de amor” e não de um “caso de traição” amorosa? De qualquer modo, médica foi parcial em favor dos amantes, desconsiderando o ponto de vista da esposa – momentaneamente desequilibrada, para quem se tratava de “um caso de traição”. O próprio marido reconhece que “mereceu” o tiro por “ter traído a sua esposa” (fala dele). Assim, o analista observa os pontos de vista “em jogo” e “em conflito” e dá o seu parecer imparcial/objetivo, realista e sociológico.

Pensando em outro tipo de caso, por exemplo, quando um grupo de funcionários de uma organização privada ou pública fala em “contabilidade criativa”⁵, o analista deve perceber que esse tipo de prática contábil é (a) “criativa” para quem dela se utiliza, (b) “fraudulenta” para quem dela é vítima e, portanto, para o analista ela é (c) *criativa* (não como eufemismo), mas *fraudulenta* (levando em conta o ponto de vista das vítimas); sendo, de fato, uma *fraude criativa* que implica vítimas e corrupção, sendo qualificada por um *eufemismo* pelos fraudadores.

Relato mais um “caso” de jogo de pontos de vista entre atores sociais e do necessário *perspectivismo realista* do sociólogo cognitivo. É possível *mentir falando a verdade* em diversas situações sociais. Em hospitais veterinários, por exemplo, isso pode ocorrer quando o veterinário pede *todos* os exames “necessários para fechar um diagnóstico”, afirmando a *verdade* de que ter todos os exames é importante para “ter certeza” do que se trata, mas com *intenções fraudulentas*.

O fato é que ele fala a verdade e, todavia, a manipula para “fazer dinheiro” em sua atividade no hospital privado. O profissional aproveita-se do vínculo amoroso ou do “pacto de amizade e respeito” (como falam os donos resolutos de *pets*) e realiza a conhecida “venda casada” de exames, supostamente para “fechar o diagnóstico” quando, de fato, segundo o testemunho de outros veterinários (que irei detalhar a seguir), é possível desvendar muitas doenças apenas pelo exame de sangue, quando não pelo exame clínico.

Os legítimos “exames mais detalhados” são feitos – na saúde humana ou de *pets* (e existe toda uma afetividade em jogo nos dois casos) – para se poder ter certeza e não apenas para descobrir o diagnóstico. Acontece que os veterinários, para terem certeza sobre o quanto o *pet* vale para o dono, realizam na anamnese, um questionário a fim de

5 “Contabilidade criativa” é, segundo Jones (2011), um *eufemismo* – que, digo eu, serve como *desculpa* (Werneck, 2012) e *técnica de neutralização* (Sykes e Matza (2008 [1971]) – para qualificar uma maneira de alterar os relatórios financeiros de uma empresa (pública ou privada), utilizando-se de *omissões* nas regras contábeis, a fim de *maquiar* os resultados como sendo mais positivos do que realmente são ou menos negativos do que são. Em síntese, consiste em uma *técnica de fraude* contábil que ilude acionistas (em uma empresa privada) ou contribuintes e auditores (nas empresas estatais) sobre a situação *real* das despesas e receitas da empresa. Contadores estão, junto com os advogados e economistas, entre as classes profissionais com maior potencial para cometer fraudes em uma empresa, seja à revelia dos seus chefes ou, mesmo, em conluio com eles. Conforme Jones (2011), os contadores aparecem, junto com os advogados, como os principais burocratas produtores de estelionato.

sondar que (a) tipo de ração o dono compra para o seu *pet* (se comum, *premium* ou *superpremium*), (b) que tipo de vacina dá aos seus *pets* (se a tríplice, a quádrupla ou a quádrupla) e (c) com mais quantos animais ele vive. Todas essas perguntas são legítimas e feitas como um pequeno *survey*, tanto para sondar as condições de vida em que vive o animal, quanto para avaliar o poder aquisitivo do dono do *pet* em relação à sua disposição de “investir” na saúde do seu amigo. Isso não somente me foi relatado por tutores de animais, mas, ainda, foi confirmado por outros veterinários aos quais entrevistei e que falaram dos seus “truques do ofício”.

Vamos ao caso. Uma tutora relatou a ocasião em que levou um dos seus gatos, com sintomas de intoxicação, para a emergência de um hospital veterinário particular em Belo Horizonte. Ela sabia que a sua gata havia ingerido um comprimido. Segundo ela, afora o valor do atendimento (que em emergências é, *claro*, mais caro), o orçamento incluía tantos procedimentos que chegou a R\$ 3.100, 00. Com a ajuda de uma rede de protetores de animais ela descobriu, naquela ocasião, que existia uma Unidade Popular de Pronto Atendimento Animal (UPPA) recém-inaugurada em sua cidade. Ali, após um breve *relato da tutora* de qual era a situação de sua gata, foi *confirmada a suspeita da tutora* que a sua gata havia sido intoxicada por um comprimido (ansiolítico) que caíra no chão, na casa da tutora. Pelo que foi aplicado soro na veia e carvão ativado na gata e ela melhorou em menos de uma hora. Quando ela mencionou ao veterinário da UPPA o tanto de exames que lhe haviam pedido no hospital particular, o veterinário da UPPA lhe disse que “fazer todos os exames, sempre é bom, mão não seria preciso neste caso”. E acrescentou, ali (no hospital veterinário particular) eles lhe pediram mais exames pelo fato de que precisam “fazer dinheiro” para o hospital.

No jogo dos pontos de vistas, o veterinário do hospital não inventou que “quanto mais exames melhor”, isso é fato *sempre*, tanto na saúde animal quanto na humana, mas trapaceou dizendo a verdade. Neste sentido:

(a) Do seu próprio ponto de vista *parcial*, o veterinário do hospital particular não mentiu, pois disse a verdade, embora sonhando informações aplicadas ao caso e acrescentando a suposta “necessidade” de fazer “exames adicionais”, mesmo em face o relato da tutora sobre a gata ter ingerido o comprimido ansiolítico;

(b) Do ponto de vista do veterinário da UPPA, “quanto mais exames, melhor”. Mas esse não era o caso, pois, a tutora já revelara que a gata havia ingerido um comprimido; e, quanto a isso, bastava dar soro na veia, fazê-la urinar e evacuar e, se preciso (nem sempre é caso), aplicar carvão ativado no estômago”;

(c) Do ponto de vista da tutora da gata, o veterinário do hospital particular tentou enganá-la;

Do ponto de vista analítico, o que o veterinário do hospital particular fez foi mobilizar três *quadros definidores da situação* – no mesmo sentido de *frames* em Goffman (1986

[1974]) – falaciosos ao seu discurso competente:

- (a) Aquilo que eu denominamos como *falácia da verdade deslocada*⁶, em que se apela a uma verdade que aplicada ao *contexto situacional* torna-se absurda *por estar deslocada* (como uma ideia fora do lugar);
- (b) A isso soma-se um *argumento de autoridade* (como especialista eu sugiro que...);
- (c) A *falácia da cadeia causal pressuposta* (isso pode ser isso, pode ser isso, então, precisamos de vários exames)⁷.

Assim, o médico trapaceou com os seus *dados verdadeiros*. Somente quando se analisa a *situação em sua totalidade* é que se pode dizer que *ele mentiu dizendo a verdade* por meio, sobretudo, da *falácia da verdade deslocada*. O *modus operandi* mais comum do mentir dizendo a verdade é pela omissão, quando se mobiliza o *frame* “vou dar informação verdadeira até onde ela me interessa”. Então, neste caso, ele disse a verdade ao mobilizar o *frame* do especialista/autoridade e informando que “ter todos os exames é importante, já que animais não falam, para ter certeza”. No entanto, ele *omitiu* a informação de que, para casos simples – mesmo que os animais não falem – um exame de sangue e clínico mostra-se eficaz.

No princípio de Van Velsen (1987 [1967]) de “indicar quem conta o quê” (p. 366) e “contra quem”, é importante para analisar situações de disputa. Pelo que questioneei 10 outros veterinários em uma nova entrevista, após o relato da tutora: não estaria o veterinário da UPPA mobilizando um discurso de rivalidade contra o médico do hospital particular? Os 10 veterinários responderam que “é possível”, mas, que *neste caso*, a “venda casada” foi praticada, uma vez que a dona do pet *já sabia a causa* da situação da gata, o que poderia ser confirmado com um simples exame de sangue.

Garfinkel (2018 [1967]) informa que é importante que o pesquisador identifique:

[...] o que é fato e o que é fantasia, entre o que realmente aconteceu e o que “meramente pareceu” acontecer, entre que é armação e o que é verdade, a despeito das aparências enganosas; entre o que é crível e [...] o oposto de crível, aquilo que é [um engano] calculado e dito de acordo com um planejamento [...]. (p. 143).

Tudo isso deve ser colocado no ângulo de visão do analista psicossocial.

A METODOLOGIA SOFÍSTICO-ANALÍTICA

Chamarei de *metodologia sófístico-analítica* (MSA) a abordagem que realiza a

6 Ignoramos se alguém já fez uso deste termo para qualificar a falácia de mentir dizendo a verdade. O leitor pode ter percebido como a designação é semelhante à “falácia da concretude deslocada” de Whitehead (1948 [1925]). A semelhança é intencional.

7 Na medicina essa terceira falácia pode ser *virtuosa*, uma vez que por meio dela realiza-se uma semiologia médica que tenta observar as *possibilidades* de doenças que os sintomas do paciente podem sugerir. Contudo, a conduta do médico deverá ser por *eliminação*, iniciando uma cadeia de ação até eliminar os sintomas ou até zerar a possibilidades. Quando terá de apelar para o ponto de vista de outro especialista, situação que ocorre não raramente.

análise da mobilização, por um ator, de um *frame*⁸ positivo que é acionado para iniciar uma *situação* interativa (seja face a face ou à distância) a partir de uma declaração de boa-intenção demonstrada e/ou uma promessa realizada, sejam estas acionadas por falar oral ou por meio de um enunciado escrito. Conforme a MSA, o analista não focará apenas na boa-intenção ou promessa do declarante, que podem ser apenas *blefes/sofismas*, –, mas no seu comportamento efetivo em relação ao declarado ou prometido. Pelo que, para a MSA postula que ao analista deve focalizar na *situação completa* que é composta da promessa/alegação de boa-intenção + o (s) comportamento (s) efetivo (s) posto (s) em prática em relação à promessa/alegação.

A MSA fundamenta-se no princípio de que uma afirmação de boa-intenção e/ou uma promessa – e tudo o que, em uma interação social concreta, demarca uma declaração de intenção positiva de um declarante ao seu par epistêmico – deve ser analisada segundo a ótica da *situação em sua totalidade* e de que tal *situação em sua totalidade* consiste não somente na análise do discurso dos falantes, mas em sua ação efetiva em relação ao discurso enunciado. Digo que a metodologia é “sofística” em razão de que se assume que, nas interações sociais, uma declaração de boa-intenção ou uma promessa podem ser *sofismas-blefes* pelos quais o declarante promete algo àqueles com os quais interage e, contudo, nega a sua promessa pelo seu comportamento efetivo, após receber a anuência de suas *vítimas*. O foco aqui, já deve ter ficado evidente ao leitor, é o comportamento dos mentirosos de todos os tipos que costumam declarar boas intenções e fazer promessas, sem jamais as realizarem ou as cumprirem.

Marx (2013 [1867]) afirmou que: “o caminho para o inferno é pavimentado com boas intenções” (p. 345) e não se equivocou ao mencionar este fato. Outros analistas interpretaram as “boas-intenções” como *blefes* ou *sofismas* ao apontarem as recorrentes discrepâncias entre a proclamação de adesão a normais ideais e o comportamento concreto em relação a elas por parte dos atores. Nadel (1987 [1956]) afirmou que:

[...] “observações e indagações” [...], [...] a pesquisa antropológica [sociológica] repousa essencialmente nestes dois procedimentos, ou seja, observação do comportamento real e indagações verbais. Não há nem necessidade de frisar que se trata de dois procedimentos complementares, embora os seus resultados nem sempre sejam correspondentes. Nas sociedades primitivas, não menos do que na nossa, pode muito bem existir um conflito e uma ausência de consistência entre o que as pessoas dizem como respostas a perguntas e as suas condutas reais observáveis. (pp.57-58).

Nadel enfatiza a conhecida, na antropologia/sociologia, discrepância entre valores declarados e comportamento efetivo: fala-se que se segue valores *aqui* para negá-los *ali*. Mitchel (1987 [1967]), de igual modo, observou que “*são poucos os antropólogos [sociólogos] que reduziriam suas preocupações apenas aos dados relacionados a normas e ideais. Eles estão interessados, também, no comportamento real, visto à luz destas*

⁸ um *quadro* de definição da situação e um *enquadramento* da percepção situacional.

normas e crenças” (p. 81) e:

[...] apesar da existência de uma regra apoiada por uma racionalização coerente no sentido de que um homem não deve casar-se com a filha do irmão de sua mãe, esses casamentos são, pelo menos, tão frequentes quanto as uniões prescritas. Essa discrepância entre comportamento real e norma apresenta um novo problema para a análise. (Mitchel, 1987 [1967], p. 85).

Foi neste mesmo sentido que Boudon (1989) afirmou que o método sociológico implica também a decifração “*das estratégias que se pode discernir por detrás dos comportamentos efetivos*” (p. 11). Como nos casos apontados por Van Velsen, Nadel e Mitchel, indivíduos e coletividades costumam alegar seguir certos valores/normas e, no entanto, contrariar esta alegação em seu comportamento concreto. De igual modo, enganadores costumam fazer promessas que não cumprem e alegam estar com uma boa-intenção para realizar algo e, todavia, adotam um comportamento concreto negador da boa-intenção. Então, quando promessas e ações são analisadas como *situação completa* pelo analista social, vê-se que a declaração/promessa eram um *blefe*. O *sofisma* não está na declaração/promessa, que costumam ser *lógicas e verdadeiras* em seu sentido enunciativo, e sim na *falsa* intenção alegada e na *pseudopromessa* emitida. O que requer uma postura metodológica, tal como a recomendada por Van Velsen (1987 [1967]):

Esta ênfase no estudo das normas e do comportamento real, numa variedade de diferentes situações sociais para o tratamento de certos problemas analíticos, implica também diferentes técnicas da pesquisa de campo e apresentação dos dados. Em primeiro lugar, requer uma maior ênfase, durante a pesquisa de campo, no registro das ações dos indivíduos como indivíduos e como personalidades e não somente como ocupantes de status específicos. (pp.364-365).

Os indivíduos, efetivamente, se utilizam hábil e estrategicamente dos *seus* papéis, ou *simulando* certos papéis – como o falso motoboy que assalta pedestres e motoristas⁹ – para, utilizando-os como *frames*, confundirem as suas vítimas e conseguirem realizar o seu intento. Neste sentido, a ênfase vai além do estudo das normas ou “regras do jogo” apresentadas pelos atores e grupos, vindo a incidir também sobre as promessas de boa-intenção mobilizadas pelos atores para iludir suas vítimas.

Aplicando isso, aos testemunhos de entrevistas, a MSA também tem algo a dizer sobre as declarações de informantes em pesquisas em que eles estão diretamente *implicados*. Muitos analistas podem ser lenientes ou, mesmo, coniventes com as declarações enganosas de informantes. Não se pode exagerar o valor – nem subestimar, é preciso apenas dar o valor devido – por exemplo, de um testemunho de enfermeiros e psicólogos em relação ao comportamento dos médicos, conforme vimos acima. Adotar o ponto de vista dos enfermeiros e psicólogos sobre os médicos, e vice-versa, seria o mesmo

9 **Bandidos de moto se passam por entregadores de aplicativos para assaltar.** Disponível, In: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/motoqueiros-se-passam-por-entregadores-de-aplicativos-para-assaltar.shtml>, acesso 28/05/2021 às 17h01.

que adotar o ponto de vista de um sujeito em relação ao seu rival.

Do mesmo modo, não se pode adotar o ponto de vista de um evangélico sobre um umbandista ou o contrário. Tratam-se de rivais diretos, a dimensão conflituosa das relações deve ser considerada em uma entrevista. Em entrevistas orais ou escritas, pode-se aplicar o *frame* analítico de Goffman (2009 [1959]):

Sabendo que o indivíduo irá, certamente, apresentar-se sob uma luz favorável, os outros [isso pode incluir um analista] podem dividir o que assistem em duas partes: uma, que o indivíduo facilmente manipulará quando quiser, constituída principalmente por suas afirmações verbais, e outra, em relação à qual parece ter pouco interesse ou domínio, oriunda principalmente das expressões [corporais] que emite. Os outros podem então usar os aspectos considerados não-governáveis do comportamento expressivo do indivíduo como uma prova da validade do que é transmitido pelos aspectos governáveis. Demonstra-se nisso uma assimetria fundamental no processo de comunicação, pois o indivíduo presumivelmente só tem consciência de um fluxo de sua comunicação, e os observadores têm consciência deste fluxo e de um outro. (p. 16).

Duas coisas devem ser acrescentadas. A primeira é que esse tipo de observação “dos outros”, apontado por Goffman, não é uma capacidade que *todos* ou *qualquer* ator tem. Embora sejam sujeitos *competentes para interpretar* as situações em que estão envolvidos, muitos atores somente se dão conta de que foram enganados, agredidos, desrespeitados etc., em uma interação, *depois* que saem dela. É comum pensarmos retrospectivamente em um evento no qual estivemos envolvidos em termos de “eu não deveria de feito isso ou aquilo ou ter dito isso ou aquilo”. Também é comum mencionarmos que “eu não deveria ter ficado calado/a quando ele/ela disse isso ou aquilo” ou “eu não deveria ter deixado ele/ela ter feito isso ou aquilo”.

Em segundo lugar, para os casos de engano premeditado, os agentes são peritos – eles ensaiam e aprendem – em estabelecer simetria entre o que dizem com suas expressões faciais e corporais; isto é, eles *aprendem a mentir bem*. A *performance* do mentir – em nossos dias – considera conscientemente que o *corpo fala* e, por isso, um bom enganador tem consciência de que as suas expressões faciais e corporais devem ser coerentes com a sua prosódia vocal e com as palavras e enunciados proferidos. Em seus trabalhos posteriores ao de 1959 acima, Goffman (1986 [1974]; 1979) incorpora esse conhecimento à sua noção de *performance* iniciada no seu trabalho 1959.

Procure-se na *web* e encontrar-se-á diversos cursos *presenciais* de detecção de mentiras, de persuasão, de sedução e de hipnose conversacional. As pessoas participam desses cursos para aprenderem a detectar mentiras – o que nem sempre ocorre, uma vez que esses cursos sobre detecção de mentiras, muitas vezes, prometem o que não entregam –, e, também, para *aprenderem* a mentir bem, a persuadir com eficácia, a seduzir com maestria e a hipnotizar pela conversação.

Manipuladores são *peritos* em criar coerência entre o que afirmam com as

palavras e o que confirmam pela linguagem facial/corporal. Isso prova que os atores são inventivos, reflexivos e competentes e, claro, há ataque e contra-ataque. Investigadores policiais e forenses, especialistas em persuasão, sedução e hipnose podem decifrar os comportamentos dos manipuladores – um contra-ataque – por meio de indícios de “afetação” ou falta de espontaneidade. Ao passo que os manipuladores podem decifrar as pessoas que sabem decifrar as suas estratégias e desistir do golpe imediatamente. Eles sabem “ler” e “classificar” as suas vítimas entre as “fáceis/ingênuas/bondosas” e as “difíceis/sagazes/desconfiadas/resistentes”.

Os sistemas de peritos são compostos por aqueles que aprenderam a sua perícia de modo formal por meio de uma formação específica e por aqueles que aprenderam a sua perícia de modo informal, por um autodidatismo e treinamento informal por parceiros (Sutherland, 1937). Chaveiros aprendem abrir cadeados e fechaduras tanto em cursos formais quanto por meio de treinamento informal por um chaveiro experiente. Os “arrombadores” de cadeados e fechaduras aprenderam com algum chaveiro honesto – talvez em um ambiente de trabalho – a abrir cadeados e fechaduras *sem arrombar*. Muito bandidos ou enganadores tiveram a oportunidade de aprender as suas habilidades de bandido ou enganador em empregos honestos, formais ou informais.

Sutherland (1937) estando interessado em se afastar das explicações biológicas e raciais sobre o crime, elaborou a teoria da *aprendizagem social do crime* ou *teoria da associação diferencial*. Sendo este o seu interesse, foi levado ao estudo da criminalidade *sistemática*. Em uma de suas pesquisas fundamentais relatou – por meio de uma entrevista em profundidade transformada em *estudo de caso* – a vida de um ladrão profissional (Sutherland, 1937). A partir de então, dedicou-se ao *White-collar crime* (2014 [1940]), chegando à elaboração de sua *teoria da associação diferencial* (ou do *aprendizado social*)¹⁰, a qual considera o crime como *um comportamento aprendido* por meio da *modelagem* de comportamentos específicos baseada na interação entre pares que adotam modelos culturais relacionados à delinquência social.

Aplicando a percepção de Sutherland para a nossa metodologia, podemos admitir que os enganadores e a aqueles que blefam sobre a suas boas intenções e promessas *não precisam ser peritos* para realizar as suas *performances*. É um postulado elementar da teoria social moderna que o indivíduo atua de acordo com as reações que sua própria conduta desperta nos outros e segundo o que o comportamento dos outros desperta nele. Assim, o comportamento individual acha-se permanentemente *modelado* pelas socializações da vida cotidiana.

¹⁰ Sutherland aborda a sua teoria da associação diferencial na reedição em 1939 (Sutherland, 1939 [1934]) do seu texto original de 1934.

OBSERVAÇÕES FINAIS

A MSA parece-me ser de grande valia para o estudo do engano premeditado egoísta e danoso. De igual modo, ela é útil como *pressuposto* fundamental para pesquisas – por meio de entrevistas – sobre assuntos políticos, disputas e controvérsias sociais presentes em relatos profissionais e nos relatos de atores sobre os seus valores morais. Com efeito, em qualquer pesquisa em que parecer bem ao pesquisador confrontar o discurso dos atores com a análise de suas práticas/comportamentos efetivos, a análise da *situação completa* da MSA será uma grande contribuição.

A postura etnometodológica e da análise da situação são úteis em si mesmas para os desenhos de pesquisa como os delineados neste capítulo e a sua contribuição para a criação da MSA foi explicitada neste capítulo. A dimensão *sofística* do discurso é, pela via da MSA, demonstrada quando o pesquisador detecta (a) indício de *discurso endereçado*, (b) discrepância entre o discurso e a prática efetiva, (c) apresentação desfavorável do rival/oponente em uma situação de conflito social e, por fim, (d) a mobilização de um *fake frame* para iludir os parceiros da interação, por alegações de boas intenções ou por uma promessa cujo cumprimento será sonegado no comportamento efetivo. O aspecto *analítico* da MSA precisa ser encarado nos termos da imparcialidade formulada por Robert K. Merton para a análise sociológica:

O comportamento [...] envolvido em disputas [...] tende a ser condenado ou aplaudido, em vez de analisado. É julgado moralmente e não investigado sistematicamente. As disputas são descritas como “infelizes”, com o julgamento moral substituindo o esforço de compreender o que significam as disputas [...]. Essas reações afetivas ao comportamento dos nossos ancestrais [...] parecem ter usurpado um lugar que poderia ter sido dedicado à análise desse comportamento e de suas implicações, inclusive, morais, quando oportuno. [...]. (Merton, 1980, p. 57-58).

Conforme a proposta analítica defendida no trecho acima, a análise sociológica precisa ser feita, antes de que qualquer apelo moral da pesquisa realizada. Esta perspectiva enriquece a análise social, visto que “a sociologia é uma ciência descritiva que não se interessa em legislar” (Bastide, 1945, p.154). Com base na imparcialidade analítica, por exemplo, Mann (1970) propõe que: “Espiar [o comportamento] e escutar [o discurso] são duas tarefas primordiais do investigador da interação social” (p. 89). Nesta mesma perspectiva, Berger (1986 [1963]) propôs que o sociólogo “se sentirá fascinado pelo trivial, pelo cotidiano” (p. 28), e que “em sua busca de conhecimento, o sociólogo caminha pelo mundo dos homens, sem respeitar as fronteiras costumeiras” (Berger, 1986 [1963], p. 28) ou, ainda, que “o sociólogo [...] tem de ouvir mexericos, [tem de] [...] olhar através de buracos da fechadura, [...] abrir armários fechados.” (Berger, 1986 [1963], p. 28).

Em razão de sua imparcialidade crítica, pois assumida metodologicamente, sociólogos, tornam-se “*bisbilhoteiros profissionais*” (Berger, 1986 [1963], p. 29), visto que

“por trás de cada porta fechada ele imaginará uma nova faceta da vida humana ainda não percebida nem entendida” (Berger, 1986 [1963], pp. 28-29). Por essa razão, “o fascínio da sociologia está no fato de sua perspectiva nos levar a ver sob nova luz o próprio mundo em que vivemos.” (Berger, 1986 [1963], p. 29). Com efeito, todo e qualquer evento social pode ser um “objeto de pesquisa” para o analista social. Mesmo as situações mais rotineiras podem ser observadas com um olhar analítico revelador.

Por exemplo, em uma pesquisa sobre mentiras de sedução, codificamos a seguinte percepção de mulheres que se sentiram seduzidas e enganadas por homens mentirosos. As mulheres *hetero*, de forma geral, *sabem* que os homens não somente dizem (a) “você é linda” para todas as mulheres que pretende seduzir; elas sabem, ainda, que (b) alguns homens escondem o fato de serem comprometidos e que alguns homens comprometidos dizem (c) “estar em crise na relação”; bem como que alguns casados dizem que (d) são incompreendidos e não valorizados pela esposa. Elas *sabem*, ainda, *por experiência própria* que, de forma geral, depois que conseguem o que querem os sedutores dizem que “encontraram uma ‘linda’ com quem querem se comprometer”, para as situações “(a)” e “(b)” ou que a sua situações amorosa “mudou para melhor” e “agora amam a namorada/esposa”, para as situações “(c)” e “(d)”. Contudo, elas *decidem* – “quando o cara é bonito” – deixar-se seduzir por estarem “a fim do cara” e isso as deixa “vulneráveis às mentiras deles”.

De posse dessa codificação de entrevistas, procurei algumas terapeutas mulheres e pedi que me relatassem alguns casos de pacientes suas – de modo não específico e impessoal, claro – que haviam sido “enganadas” por sedutores e que, sob decepção amorosa, procuraram ajuda terapêutica. O que as terapeutas me informaram foi que, *na maior parte das vezes* em que se aventuram com homens que elas sabem que falsamente descomprometidos e/ou com homens comprometidos ou casados em falsa situação de crise, as mulheres *decidem deixar-se seduzir*, não pelo fato de estarem “a fim do cara”, *somente*. Na verdade, disseram-me as terapeutas, elas *se iludem* ao pensar que *elas é que serão as sedutoras*, vindo a fazer com que “o cara bonito” (do ponto de vista delas) ficará apaixonado por elas e abrirá mão de sua namorada ou esposa. Assim, as mulheres “seduzidas” ativamente *enganam a si mesmas* – estando *conscientes* disso – pensando que são sedutoras irresistíveis. Logo, não se trata de uma pura situação de sedução entre um “Dom Juan” e uma ingênua seduzida. Trata-se antes, de uma situação de *rivalidade* entre mulheres, na qual a amante tentar seduzir o seu galanteador comprometido a fim de que ele venha a apaixonar-se por ela e decida deixar a esposa, que embora nada saiba desta situação, é encarada como *rival* pela amante do “Dom Juan” comprometido. Uma situação de *rivalidade* é instalada, portanto.

Aqui ocorre o tipo de situação na qual, segundo Goffman (2009 [1959]), “os observadores do observador, [...] não descobrirão tão facilmente sua verdadeira posição” (p. 17). No caso das situações amorosas acima mencionadas, as mulheres que *sabiam*

estar sendo seduzidas por falsos elogios e por falsas situações de crise amorosa dos seus parceiros comprometidos, viam a si mesmas como *sedutoras ativas* e apostavam que venceriam no jogo de sedução em que – motivadas por uma situação de rivalidade com a *outra-oficial* do amante – se colocaram sob o risco de desilusão amorosa vindo a sofrer danos emocionais. É mister, no contexto de análises de disputas e rivalidade considerar que: “Para o sociólogo, o que constitui o objeto da pesquisa não é [sempre] tomar partido nessas lutas simbólicas [e políticas], mas analisar os agentes que as travam, as armas utilizadas, as estratégias postas em prática [...]” (Lenoir, 1998, p.68).

Se Boudon (1989) estiver certo “a reflexão metodológica tem progredido desigualmente conforme o tipo de pesquisa sociológica” (p. 13). Isto é, conforme a escola teórica à qual a pesquisa se afilia. Com efeito, os casos aqui apresentados, particularmente, confirmam a Boudon (1989), quando ele diz que “O tipo de método utilizado depende não somente do gosto pessoal do pesquisador, mas também das indagações que ele se propõe.” (p. 11).

Por isso, argumentamos neste capítulo que uma psicossociologia das disputas que pretende não mentir e que almeja a relevância cognitiva, precisa (condição) ser *analítica* e que a MSA pode ser relevante para este tipo de pesquisa psicossociológica.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**. Uma visão humanística. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986 [1963].

BOUDON, Raymond. **A ideologia**: ou a origem sociológica das ideias recebidas. São Paulo: Editora Ática, 1985.

_____. **Os métodos em sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **A sociologia como ciência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

_____. **Crer a saber**. Pensar o político, o moral e o religioso. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

GARFINKEL, Harold. A conception of and experiments with “trust” as a condition of concerted actions. In: HARVEY, O’Brien J. (Ed.) **Motivation and Social Interaction**. Cognitive Approaches. New York: The Ronald Press Company, 1963, p. 187–238.

_____. Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018 [1967].

_____. **Ethnomethodology's program: working out Durkheim's aforism**. [Anne Warfield Rawls Ed.]. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002 [s./d.].

_____. ; SACKS, Harvey. **Theoretical Sociology**. Perspectives and developments. New York: Appleton-Century Crofts, 1970.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: **Semiotics**. Vol.25, p.01-29, 1979.

_____. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009 [1959].

JONES, Michael J. (Ed.). **Creative accounting, fraud and international accounting scandals**. Southern Gate, Chichester, West Sussex, England: John Wiley & Sons Ltd, 2011.

KAUFMANN, Jean-Claude. **O labirinto conjugal**. O casal e o seu guarda-roupa. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

_____. **Sociologie du couple**. Paris: PUF, 2003.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick *et al.* **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, p. 59-106.

LUHMANN, Niklas. **Amour comme passion: de la codification de l'intimite**. Paris: Aubier, 2003 [1982].

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1970.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política (v. 1)**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013 [1867].

MERTON, Robert K. **La ambivalencia sociológica y otros ensayos**. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1980.

MITCHELL, Clyde. A questão da quantificação na antropologia social. In: -BIANCO, Bela. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora Global, 1987 [1967], p. 77-126.

NADEL, Siegfried Frederick. Compreendendo os povos primitivos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora Global, 1987 [1956], p. 49-73.

RAWLS, Anne. Introdução. In: GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018, p. 17-85.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001 [1909].

SUTHERLAND, Edwin H. **The professional thief**. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

_____. **Criminology**. Chicago/Philadelphia/New York: Lippincott, 1939 [1934].

_____. **A criminalidade de colarinho branco**. In: Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal, Porto Alegre, v. 02, n. 02, p. 93-103, 2014 [1940].

SYKES, Gresham M'Cready; MATZA, David. Técnicas de neutralização: uma teoria da delinquência. In: **Cadernos CRH**. Vol. 21, n. 52, p. 163-170, 2008 [1971].

VAN VELSEN, Jaap. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora Global, 1987 [1967], p. 345-372.

WERNECK, Alexandre. **A desculpa**. As circunstâncias e a moralidade das relações sociais. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2012.

WHITEHEAD, A. N. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Editora Paulus, 2006 [1925].

ZALUAR, Alba. A aventura etnográfica: atravessando barreiras, driblando mentiras. In: ADORNO, Sergio (Org.). **A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade**. São Paulo/Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Sociologia/ Editora da UFRGS, 1995, p. 85-91.

WRIGHT MILLS, Charles. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980 [1959].

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022